

Veze e voz às crianças!



Manuella da Silva Borges, 8 anos. Uberlândia - MG.

## EDITORIAL

### APRENDE-SE DENTRO E FORA DA ESCOLA

Por *Adriana Pastorello Buim Arena*

Humanizar-se significa estar com o *Outro* em circunstância de troca. Todo tipo de *Outro*, os *Outros* da sua cultura e os *Outros* de outras culturas. O *Outro* de pés descalços catador de reciclável, a criança remelenta sem remédio e sem mãe durante o dia, a senhora que toma chá chinês em xícara de porcelana, a faxineira que trabalha em duas casas durante o dia e, à noite, em um bar para conseguir sustentar os filhos sem a presença do pai, o deputado que fez greve de fome para lutar por igualdade e por justiça, o trabalhador do MST que transforma o chão árido em fértil, o intelectual que publica resultados de pesquisa, mas nem sempre lidos, a menina de chapeuzinho vermelho enganada pelo lobo, o Ali-Babá dos quarentas ladrões, o Munduruku do Kabá Darebu, o griot do Espírito dos Kaiobás, e tantos quantos *Outros* pudermos encontrar para fazer a grande partilha universal de saberes ancestrais e atuais.

Para que esse colóquio se materialize é preciso que deixemos as valvas da ostra, e, abertos ao novo, ao desconhecido, observemos as diversidades que nos circundam, que tenhamos *orelhas verdes* para ouvir o silêncio gritante e as palavras daqueles que contam as histórias de um ser singular, que vive em meio à heterogeneidade.

Deste modo, seguiremos trocando culturas!

A sala de aula não pode ser o exemplo de ostra fechada que esconde pérolas. O livro didático, a cartilha e os exercícios das folhas impressas precisam dar espaço para a voz, para os saberes e para as culturas infantis.

Nesta edição, você e o grupo de professores e professoras de sua escola poderão conhecer a *aula-passeio*, uma proposta de trabalho pedagógico que proporciona o encontro com os diversos *Outros*, que podem nos humanizar. Ao sair do espaço escolar, descobrimos profissões, lugares de estudo, de passeio, de compras, mas também o esgoto a céu aberto, a praça abandonada, a falta de água. Tudo isso é matéria para ser discutida. O pensar é exercitado. Será preciso ler mais sobre o assunto, será preciso escrever sobre ele. E, quem sabe, será preciso uma audiência pública, ou uma conferência com pesquisador especializado. Com tanto trabalho, todo o conteúdo programático imposto para o ano letivo será muito bem abordado, porque os desdobramentos dos atos de ler e os de escrever são muitos.

Como você não quer ficar confinada(o) em um lugar apertado e pouco ventilado, como é a maioria das salas de aula das escolas brasileiras, a criança também não quer!

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### AULA-PASSEIO: UMA PRÁTICA EDUCATIVA HUMANIZADORA

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Célestin Freinet foi professor da Educação Básica. Era muito ligado à vida política da República francesa e à luta pela fraternidade, igualdade e liberdade, lema da Revolução Francesa e ícone da democracia. Junto com uma cooperativa de professores fundada por ele e Élise Freinet, professora e esposa, construíram o que chamamos Pedagogia Freinet. Desde os anos de 1930, eles encorajaram seus alunos a escrever livremente, a imprimir seus textos e entregá-los ao mundo, a pensar por eles próprios, a planejar suas ações, a reconhecer o pertencimento a sua cultura. Para eles, o fato de os alunos estarem mergulhados diariamente na vida da comunidade, enraizados na própria cultura, era um princípio fundamental para a Educação Básica.

No auge do movimento da Escola Nova, e em um dos eventos, por volta de 1923, ainda não casado com Élise, Freinet tomou conhecimento da técnica chamada de *aula-passeio*, que alguns professores começavam a praticar em outros países da Europa. Ele percebeu nessa prática pedagógica a possibilidade de romper com a cultura livresca e artificial e de aproximar os dois ambientes em que as crianças viviam, o da vida na escola e o da vida fora da escola.

Como nem toda mudança é fácil, Célestin Freinet causou alvoroço em Bar-sur-Loup, cidadezinha do sul da França. Teve de lidar com as más línguas: “*Faria melhor se desse aula!*”. Mas deixou de lado as críticas vindas daqueles que enalteciam a escola tradicional, que nada entendiam de uma educação emancipadora, e, com seus alunos, passeavam para conhecerem a geografia do lugar, visitavam a padaria para conversar com o padeiro, a oficina de tecelagem, a de fundição.

A sala de aula se tornava um verdadeiro ateliê de trabalho quando voltavam das aulas-passeio. As descobertas se tornavam textos divulgados, escritos para os moradores da pequena cidade. As crianças tinham o que dizer e para

quem dizer! Mais tarde, com a técnica da correspondência, os textos avançaram para todo território francês e também para além das fronteiras.

Com as próprias palavras de Freinet:

*A aula-passeio foi minha tábua de salvação. Em vez de cochilar em frente a um quadro de leitura, no início da aula, à tarde, íamos aos campos que fazem fronteira com a aldeia. Parávamos ao atravessar as ruas para admirar o ferreiro, o carpinteiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos fazia querer imitá-los. Observávamos o campo nas várias estações, quando no inverno os grandes lençóis se estendiam sob as oliveiras para receber as azeitonas colhidas, ou quando as flores de laranjeira que floresciam na primavera pareciam se oferecer para serem colhidas. Nós não examinávamos mais academicamente a flor ou o inseto, a pedra ou o riacho ao nosso redor. Nós os sentíamos com todo o nosso ser, não apenas objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos de volta nossas riquezas: fósseis, espigas florais de avelã, argila ou um pássaro morto.* (Freinet, apud Le nouvel éducateur – n° 183 – Novembre 2006)



Imagem 1: Freinet e seus alunos em aula-passeio.

No início, as aulas-passeio eram pouco estruturadas, planejava-se aonde ir e, na volta, escrevia-se livremente sobre as curiosidades.

Com o tempo, o passeio despretenso passou a agregar instrumentos pedagógicos mais sofisticados em sua preparação e organização: visitas organizadas, pesquisas guiadas por fichas e pesquisas documentais. O resultado da aula-passeio se dava a ver em produção de álbuns, artigos para o jornal escolar, conferências dadas pelas próprias crianças, material para enviar aos correspondentes.

A distância entre a vida na escola e a vida fora da escola diminuía! A relação entre Freinet e seus alunos se tornava menos artificial, a conversa era mais familiar, as crianças podiam observar, pensar e se expressar! As possibilidades dessa técnica pedagógica são tão amplas que atualmente alguns professores freinetianos dão a ela o nome de *aula das descobertas* ou *estudo do meio* na tentativa de dar a ver sua verdadeira natureza.

Neste boletim, a coordenadora Cleciane da Silva, de Capinzal, Santa Catarina, observadora atenta, relatará, na seção *Eu faço assim*, como uma aula-passeio, com crianças de 4 e 5 anos, cujo objetivo era observar onde poderiam ser encontradas palavras escritas durante um percurso ao redor da escola, ampliou também o olhar das crianças para a natureza. Uma aula-passeio traz surpresas! Ao ler sobre a experiência realizada, você dirá a você mesma(o): “*eu posso fazer isso com meus alunos!*” Sim, você pode. Experimente para nunca mais deixar de fazê-lo.

Se ainda assim tiver receio de sair com as crianças, comece saindo para o pátio, para o jardim ou para a horta da escola. Leve uma caixa com lupas, espelhos, sacos plásticos. As crianças costumam colecionar muitas coisas como folhas, flores, pequenos insetos mortos. De volta para a sala, analise a colheita, decida um critério e faça a separação do material. Muitas questões serão levantadas: que flor é esta? Você pegou isto no chão ou no lixo? Este objeto é vivo ou sem vida?

Pronto! Você terá pesquisas em curso. Será preciso ler, será preciso escrever, será preciso apresentar os resultados. As crianças terão necessidade do conteúdo que a escola exige que você ensine a elas. Tudo ficará mais leve.

Felizes com a prática das aulas-passeio, os alunos aprenderão os conteúdos elencados pelo currículo e, além disso, desenvolverão a

percepção do meio, aprenderão a observar mais o mundo que está ao seu redor; compreenderão as relações humanas com a natureza em vários planos: o da organização do espaço público, o do uso da terra para a subsistência e para a exploração, o dos lugares habitados por uns e não por outros; conhecerão geografia física, econômica e humana, porque uma aula-passeio, mesmo sendo organizada em torno de outros assuntos que não sejam os abordados em uma disciplina, sempre trará a condição do deslocamento de um lugar para o outro.

As aulas-passeio não são como idas ao parque de diversões, às chácaras com piscina, porque elas implicam atividades orientadas, processamento de informações, aprendizagens múltiplas como ler, escrever, expressar-se, diagramar, raciocinar, desenvolver e compreender modos de produção e de construção do conhecimento.

A criança curiosa observa, analisa e sistematiza o conhecimento em relação a objetos, fenômenos e os eventos que a cerca. Por meio dessa prática pedagógica não se estuda o mundo natural como se ele fosse apartado da vida da espécie humana.

Desde muito cedo as crianças poderão se reconhecer não como parte da natureza, mas como a própria natureza. Nosso futuro como espécie depende de uma educação que tome como referência a natureza, as plantas, as grandes e as pequenas; os animais, os grandes e os insetos; os homens e suas profissões, as intelectuais e as artesanais. Uma educação que oriente o olhar para, com ele, criar e difundir conhecimentos, para, enfim, colaborar com o desenvolvimento do planeta.

### Para saber mais

Le nouvel éducateur – n° 183 – Novembre 2006. Disponível em: <https://www.icem-pedagogie-freinet.org/node/17041>

A l'origine, la « classe-promenade ». Disponível em: <https://www.icem-freinet.fr/archives/ne/ne/183/183-8.pdf>

## AULAS-PASSEIO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Por Cleciane da Silva

Como coordenadora pedagógica da Escola Municipal Dr. Wilson Pedro Kleinubing - Capinzal/SC, sempre acompanho o processo de implementação da nossa proposta pedagógica e a forma como a linguagem escrita é apresentada na educação infantil, quer dizer, não como preparatória para o ensino fundamental, mas com uma abordagem humanizadora que respeite os direitos e a cultura das crianças e do seu entorno. Tenho observado com interesse as aulas-passeio realizadas regularmente. Essas aulas promovem aprendizagens conectadas com a vida das crianças.

Esses passeios fora da sala de aula oferecem uma oportunidade valiosa para a descoberta da linguagem escrita, suas funções e seus suportes, de maneira prática e envolvente. Permitem que as crianças vejam seu emprego em contextos reais. Noto o impacto positivo gerado, não apenas no desenvolvimento da leitura e escrita, mas também no engajamento e no entusiasmo de todos.

Abreu (2023), em seu livro *Alfabetização em Quatro Eixos*, destaca que os fatores extratextuais são essenciais para que a criança se aproprie dos atos de ler e de escrever com funções sociais e culturais.

A esse aporte de vivências e de experiências, a autora chama de Contexto Extratextual, referindo-se aos conceitos que estão fora do texto, mas que influenciam a compreensão, como o contexto social, cultural, histórico e as próprias vivências e experiências pessoais do leitor. Na educação infantil, as crianças trazem consigo essas vivências, experiências e as influências culturais do ambiente familiar e social que impactam o modo como elas se encontram com os textos.

Continuo a acompanhar essas aulas para garantir que elas atendam às necessidades das crianças e valorizem as suas vivências e experiências no processo de aprendizagem.

As aulas-passeio, inspiradas em Célestin Freinet, promovem a educação pela observação

direta e pela interação com o ambiente. Em nossa escola, essas aulas, realizadas com as turmas do Infantil V e Infantil VI, crianças de 4 e de 5 anos, envolveram a exploração do ambiente urbano e da natureza.

Imagem 2 – Vivências nas ruas do loteamento



Fonte: a autora, 2024.

Observei como a professora conduziu uma aula inovadora e envolvente com as crianças. Com pranchetas e canetinhas, saíram à procura de coisas escritas ao longo do passeio. A ideia era que, enquanto exploravam o ambiente, identificassem e registrassem palavras e enunciados que encontrassem pelo caminho, como placas de rua, marca de automóveis, número das casas, cores e formatos das casas.

A professora se manteve sempre ao lado das crianças, incentivando-as a observar placas, anúncios e outros textos, fazendo perguntas: “O que você acha que esta palavra significa?” e “Podemos ler isso juntos?” Os diálogos ajudaram as crianças a refletirem sobre o que estavam vendo e a se engajarem mais profundamente com o material visto. Além disso, a professora celebrava cada descoberta, sugerindo que, caso encontrassem algo escrito em algum suporte, compartilhassem a descoberta com os colegas, criando situações de aprendizado coletivo e de troca de ideias.

A empolgação era notável: as crianças estavam ansiosas para mostrar o que haviam encontrado.

**Imagem 3** – Copiando placas de carros



Fonte: a autora, 2024.

O contexto extratextual “é concebido neste fluxo constante de transformação permanente” (Abreu, 2023, p. 99) em que as crianças têm a oportunidade de partilhar novas experiências, evoluindo no seu processo de aprendizagem, humanizando-se.

Ao retornarem para a escola, elas relataram com orgulho o que viram, ouviram e escreveram. Fizeram um cartaz e um painel com o relato do passeio e com as anotações.

Observamos que se tornaram mais atentas aos detalhes ao seu redor e demonstraram um interesse crescente pela leitura e pela escrita. Além disso, a aula diferente ajudou a fortalecer a confiança delas ao usar a linguagem escrita, tornando-as mais motivadas a descobrir e a aprender.

**Imagem 4** – Poesia com marcações



Fonte: a autora, 2024.

Algumas outras vivências aconteceram também durante as aulas-passeio por mim acompanhadas. Elas utilizaram meias adesivas para coletar elementos da natureza que foram posteriormente classificados e discutidos em sala.

Outra vivência envolveu a gravação de imagens e vídeos. Filmaram pessoas, objetos e cenários de suas rotinas e compartilharam com seus colegas.

Esse processo de documentação e compartilhamento promoveu uma reflexão coletiva sobre as experiências vividas.

**Imagem 5** – Meias adesivas



Fonte: a autora, 2024.

A observação direta e a documentação dos elementos do ambiente urbano e natural provocaram a necessidade de identificar e nomear objetos, o que tem contribuído para a expansão de conceitos e compreensão do mundo ao seu redor.

O compartilhamento das filmagens e a discussão em grupo têm proporcionado oportunidades para a expressão e a escuta ativas. As crianças têm aprendido a trabalhar em equipe, a respeitar as opiniões dos outros e a expressar suas próprias ideias.

Enfim, percebemos que as aulas-passeio tornam o conhecimento relevante, ajudam na criação de conexões e tornam o aprendizado mais concreto e aplicável, porque, ao elaborar conceitos por meio de observação, documentação e reflexão, as crianças não apenas apreendem informações, mas participam ativamente da construção do conhecimento.

Tais práticas ampliam o horizonte educativo e, por isso, proporcionam uma formação humanizadora.

## Referências

ABREU, Márcia Martins de Oliveira. *Alfabetização em quatro eixos: o contexto extratextual, a leitura, o texto gráfico e a palavra*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

## MURAL

### DIÁLOGO COM OS LEITORES

Sou diretora de uma escola pública municipal de Educação Infantil no município de Paulínia/SP. A base teórico-metodológica do nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) é a Pedagogia Freinet. Fiz o curso “Alfabetização Humanizadora” com o professor Dagoberto e com a professora Adriana. O curso foi maravilhoso e me trouxe muitas reflexões. Apresentei as discussões do curso a minha equipe e ao meu supervisor. Decidimos desenvolver uma prática combinada, voltada à leitura e à escrita, baseada em Freinet e Bajard. Acrescentamos isso ao nosso PPP que foi aprovado pela Secretaria de Educação. Agora, estamos estudando e Tateando. Nossa equipe está muito estimulada, revendo práticas e planejando outras baseadas na alfabetização humanizadora.

*Audrey Danielle Beserra de Brito*  
Diretora de uma escola da rede pública municipal de Paulínia/SP

### FIQUE POR DENTRO



Você já conhece a obra “Em torno dos russos e de seus conceitos de linguagem” de Dagoberto Buim Arena? Baixe gratuitamente o e-book pelo site da editora Pedro & João. Você irá se encontrar com Volóchinov, Bakhtin, Jakubinskij, Sorokin, Vigotski, Bukharin, Duvakin, Sakulin e Inna Tilkowski. O link é este:

<https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/em-torno-dos-russos-e-de-seus-conceitos-de-linguagem/>.

### NAHum EM AÇÃO

Os professores Dagoberto Buim Arena e Adriana Pastorello Buim Arena, integrantes do NAHum, estiveram entre os dias 17 e 21 de março no município de São Luís do Quitunde - Alagoas. A formação foi realizada a pedido da secretária municipal e contou com momentos de reflexões e atividades práticas sobre a alfabetização humanizadora.

Veja alguns registros desse encontro:



Fonte: arquivo dos autores.

### PROGRAME-SE!

ENCONTRO NACIONAL DA REPEF – Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet.

De 15 a 18 de julho na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - MG.

A Diretoria da REPEF e o Comitê Organizador UFU estão planejando um encontro de acordo com o modelo freinetiano. Isto quer dizer que haverá Ateliers Longos e Curtos, Exposições de Trabalhos de Classes Freinet, Aula-Passeio, Jantar Cooperativo e Assembleia,

Venha conhecer a Pedagogia Freinet!

Faça parte da Rede de Educadores e Pesquisadores freinetianos.